

Cinematografia e Verossimilhança: Uma Análise Crítica Dos Acontecimentos Histórico Sociais Em *Palmeras En La Nieve* (2015)

Ana Carolina Pires Ribeiro¹

Palmeras em la nieve é um filme espanhol, estreado em 2015 e produzido pelo célebre diretor espanhol Fernando González Molina. Recebeu um acolhimento crítico altamente aclamado, sendo destino de inúmeros prêmios em amplas categorias. Sua narrativa é totalmente volátil e há transições entre o passado e o presente. Em 1954, os irmãos espanhóis Jacobo e Kilian se mudam para a Guiné Equatorial, então colônia espanhola, para assumir as coordenadas de uma plantação de café. No entanto, Kilian acaba por se apaixonar por Bisila, uma bubu nativa, dando início a uma saga de amor cheia de complexidade. Anos mais tarde, a filha de Jacobo, Clarence, descobre uma carta antiga, endereçada à África, no escritório de seu tio. Em uma tentativa de desvendar este mistério e aprender sobre a história de sua família, a jovem decide viajar para o lugar cujo pai e tio um dia viveram. Há, no decurso da obra, aspectos sociais relevantes e uma representação precisa de um período histórico tão duro e sombrio para os povos colonizados. Assim, nesta resenha, pretendo analisar e discutir três pontos, são eles: (a) o apagamento da identidade, (b) os limites ao se visitar locais de resistência e (c) a legitimação da violência contra a mulher.

O filme começa com um dia frio e chuvoso na ilha de Fernando Poo, na Guiné Equatorial. Nesta primeira parte, vemos um casal, que no futuro descobrimos se tratar de Kilian e Bisila, no seu momento de intimidade. No entanto, há um claro sentimento de tristeza entre os dois, que ao se despedirem, dividem uma foto ao meio, deixando cada um deles com uma parte. Posteriormente, temos um salto temporal para 2003, em um dia igualmente frio e triste, no qual é possível ver Clarence no funeral do seu pai, Jacobo. Mais tarde, a jovem mulher vai a casa de seu tio, Kilian, agora idoso e acometido pelo Alzheimer. No escritório da casa, encontra um antigo diário e nota que há uma

¹ Graduanda em Letras – português/espanhol pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL-UFRJ). É pesquisadora de iniciação científica na área da Pragmática Interpessoal, Políticas Linguísticas e Estudos da Tradução e dedica-se, especificamente, aos estudos multimodais dos atos de fala em português e em espanhol: cortesia e (des)cortesia. anacarolinapires@letras.ufrj.br

carta que prova o envio frequente de dinheiro para África e também uma intrigante metade de fotografia. Querendo saber o que eram os documentos, decide ir à Guiné Equatorial, embora Júlia, que também viveu na ilha no tempo de Jacob e Kilian, esteja inicialmente desencorajada. Assim, quando Clarence começa a ler o diário enquanto viaja, o espectador é transportado de volta ao passado.

Kilian e Jacobo são dois jovens que até então viviam nas montanhas frias de uma província espanhola. Em 1954, os dois vão à Guiné Equatorial para encontrar o seu pai, Altón, que é o responsável por uma plantação de cacau. Nestas primeiras cenas, constata-se que se tratava de um lugar de escravidão e que os dois iriam trabalhar para os colonos. Kilian, ao contrário de Jacobo, enfrenta algumas dificuldades em dominar os nativos e frente ao estilo de vida adotado por seus colegas de trabalho, marcado pela bebida e por encontros sexuais com escravas libertas que vendiam seus corpos para a sobrevivência. Após a pressão do seu irmão e do grupo, começa a ceder, chicoteia um escravo e dorme com uma dessas mulheres. Ainda assim, seu pai, temendo que se torne como o irmão, leva-o a ver o nascimento das tartarugas em uma bela praia da ilha e para visitar uma aldeia Bubi. É neste local que Kilian reconhece a Bisila, uma jovem Bubi na qual já tinha visto cantar ao passar por uma cachoeira, se apaixonando de imediato por ela. Mas, a sua paixão enfrentaria um problema, pois Bisila já estava noiva de outro homem e mais tarde se casaria com ele. Apesar disso, os dois decidem iniciar um caso de amor secreto e arriscado, se encontrando, sobretudo, no hospital no qual Bisila trabalha como enfermeira.

Neste mesmo período, há uma transição para o presente. Clarence chega à Guiné Equatorial e de início não encontra a informação que procurava. Em seguida, examina os documentos de um antigo cartório e encontra apenas um relatório médico de seu pai, diagnosticado com sífilis. É então apresentada a Iniko, inicialmente fechado e resistente à visita da jovem branca, mas depois passa a ajudá-la em sua busca pela própria identidade. A jovem procura Simon, o escravo pessoal do seu tio, durante o período em que viveu na ilha. Após muitos percalços, o encontra, mas apenas recebe uma informação básica e uma mensagem para dar ao seu tio. No caminho de volta, ela acaba por mostrar a velha fotografia que tem a Iniko, que quase bate com o carro, ao perceber que a mulher da fotografia é a sua mãe. Os dois vão então para sua casa e lá a sua mãe conta parte de uma história triste e de um passado tão doloroso que Clarence nem sequer consegue imaginar. Durante uma das vezes em que Kilian ficou na Espanha,

Bisila foi violada por um grupo do pai de Clarence e dois dos seus amigos. Durante este período, Kilian regressa de Espanha e encontra Jacobo no hospital diagnosticado com sífilis e Bisila coberta de feridas, mas esconde o que aconteceu e diz ter sido atropelada. Contudo, em uma tentativa de vingar a sua esposa, o marido bubi de Bisila entra no hospital e tenta matar Jacobo, mas é detido e alvejado. Kilian e Jacobo discutem, pois Kilian descobre o estupro cometido pelo irmão, porém, ainda sim o ajuda a fugir para evitar sua morte. Agora viúva, Bisila começa o seu período de um ano de reclusão para se casar e viver com Kilian.

Com o passar do tempo, a força dos movimentos de libertação da Guiné Equatorial cresce e o lugar torna-se cada vez mais perigoso para os colonos. Assim, muitos começam a deixar o país e Kilian tenta fazer o mesmo com Bisila, agora a sua esposa, filho e enteado. No entanto, as crianças são impedidas no dia da partida e Kilian permanece na ilha com a sua família até ter de deixar oficialmente o país. É quando voltamos à primeira cena do filme, que mostra Kilian e Bisila em suas despedidas, partindo a fotografia. Dessa maneira, *Palmeras em La Nieve* (2015) não é um filme romântico qualquer, uma vez que apresenta ao espectador aspectos muito credíveis de um período histórico tão duro, triste, chocante e de perdas para os povos colonizados. Outro fator marcante é o título, que o público só compreende depois de prestar muita atenção às quase três horas de cinematografia. Pode-se observar a referência aos dois ambientes pelos quais o filme passa, uma vez que as palmeiras fazem parte dos campos da Guiné Equatorial e a neve, a casa de Kilian nas montanhas geladas de Huesca, na Espanha.

Depois de descrever brevemente a narrativa da obra, darei início a minha problematização e ponto de vista pessoal para com os acontecimentos do enredo. Sobre o primeiro ponto, o apagamento da identidade, é possível observarmos ao longo do filme que os nomes dos escravos nativos não eram africanos. Por exemplo, o criador pessoal de Kilian, se chamava Simon, e Clarence chega à Guiné Equatorial em busca de um nativo chamado Fernando. Assim, em uma cena posterior, vemos Iniko perguntar a Clarence se ela sabia os nomes reais das pessoas que procurava, dado que a cada indivíduo foi batizado com um nome africano de nascença, mas, estes nomes foram posteriormente alterados pelos colonizadores. Assim, temos a mudança de nome como uma tentativa etnocêntrica de apagar a identidade. Esta forma de silenciamento não se limita à Guiné Equatorial e era uma prática comum em todas as terras colonizadas. No

Brasil colonial, por exemplo, era comum mudar os nomes dos povos indígenas e africanos para nomes "cristãos" e também se realizar o batismo católico obrigatório. O mesmo aconteceu após a abolição da escravatura, no final do século XIX, quando houve um incentivo à imigração européia para o Brasil, que então necessitava de mão-de-obra barata e assalariada. Era uma prática do governo brasileiro mudar os nomes e apelidos dos europeus, em uma tentativa de os tornar mais "abrasileirados".

O segundo ponto diz respeito aos limites ao se visitar locais de resistência. Em uma cena, Clarence vai para o antigo local de trabalho do seu pai e tio e tenta fotografá-lo sem a permissão da população local. Os lugares históricos de grande sofrimento tendem a se tornarem ambientes de memória e de respeito por aqueles que ali sofreram. É o caso, por exemplo, dos Campos de Concentração e da Pedra do Sal, no Rio de Janeiro, que durante muitos anos foi um local onde os escravos africanos descarregaram o sal dos navios, mais tarde, tornando-se um local de resistência para os negros e a casa do samba carioca. Talvez Clarence não tenha pensado em como foi violento para uma mulher branca fotografar, sem permissão, o espaço que hoje pertence finalmente aos guineenses-equatorianos. Sabemos que Clarence é uma personagem, mas as atitudes dos turistas que vão demasiadamente longe quando visitam lugares de memória são muito comuns na realidade.

Quanto ao terceiro e último ponto, a legitimação da violência contra a mulher, são numerosas as situações retratadas ao longo do filme. Contudo, gostaria de me concentrar nas várias formas apresentadas para legitimar um tal ato. Na cena em que a personagem de Bisila é estuprada, um dos agressores pergunta-lhe o que queria enquanto andava sozinha a essa hora da noite. Em uma cena posterior, quando Kilian confronta o seu irmão depois de saber do abuso, Jacobo no início não se importa que lhe perguntem se violou a uma mulher, fazendo ainda uma piada e questionando se o problema foi porque não tinha pago. No entanto, somente depois de se perceber que se tratava da noiva do seu irmão é que mostra alguma preocupação. Tal como na ficção, existem, na realidade, estas mesmas estratégias destinadas a justificar a violência baseada no gênero. Relatos de mulheres sendo assediadas em festas, por exemplo, são comuns, mas quando acompanhadas por um parceiro, os assediadores tendem a pedir desculpa aos seus namorados, não a elas. Ao transmitir a ideia de que o problema não é o assédio/violência em si, o problema é assediar a companheira de outro homem.

Portanto, verificamos que *Palmeras en La Nieve* (2015), apesar de estar situada em um ambiente fictício, levanta importantes questões sociais, históricas e políticas e muito se assemelha aos problemas da realidade. Desta forma, encerro levantando algumas reflexões: o que define uma pessoa culturalmente? Quais são as possíveis perdas ao se tentar apagar a cultura de um indivíduo? Quais são os ideais por detrás deste apagamento? Quais são os limites ao se visitar lugares de resistência? O que pode fazer uma pessoa pertencente a grupos considerados privilegiados para não ofender e respeitar a dor dos seus antepassados? Como podem os homens contribuírem para o fim da legitimação da violência contra a mulher? Como podemos dar voz a estas mulheres?